

Mundo



DESILIZAMENTOS DE TERRA
ONU estima 670 mortos em Papua
 Se as aldeias do país da Oceania foram atingidas, com 150 casas soterradas



NEUTRALIDADE EM XEQUE

Guerra em Gaza e série de crises tiram China de 'zona de conforto' no Oriente Médio



FILIPE BABINI
 @babini@globo.com.br

"A China age de forma cautelosa devido aos seus muitos interesses econômicos e políticos na região, inclusive com Israel"

Alexandre Coelho, professor de Relações Internacionais da Fesp

"O que tem acontecido desde outubro é que a China, ao lado da Rússia, integra um bloco político e diplomático que protege o Irã"

Maurício Santoro, cientista político

Dentre as grandes potências internacionais com presença no Oriente Médio, a China provavelmente é a que tinha uma posição mais confortável. Com boas relações com todos os atores, investimentos bilionários, de portos israelenses a projetos petrolíferos no Irã, Pequim enfatizava a diplomacia econômica, e dava passos mais cautelosos no campo político, como na mediação do acordo entre Irã e Arábia Saudita, no ano passado. Mas o ataque do Hamas, em 7 de outubro, mudou as equações regionais, e o país pode se ver forçado a sair dessa zona de conforto. Após o atentado, a China não condenou o grupo terrorista, e tem bloqueado, ao lado da Rússia, ações lideradas pelos EUA para uma reprimenda ao Hamas no Conselho de Segurança da ONU. Ao mesmo tempo, defende um cessar-fogo em Gaza e apoiou resoluções contra interesses de Israel.

O que tem acontecido desde outubro é que a China, ao lado da Rússia, integra um bloco político-diplomático que protege o Irã e que, de alguma maneira, ajuda. Terá em vários conflitos internacionais — disse ao GLOBO Maurício Santoro, cientista político e colaborador do Centro de Estudos Político-Estratégicos da Marinha. — Não é que a China apoie o Hamas, mas ela acaba em uma posição muito parecida com a do Brasil nas últimas crises: os dois criticam e condenam o terrorismo formalmente, mas sem citar o grupo.

ABORDAGEM COMEDIDA

Hoje, os chineses não participam ativamente das negociações sobre um cessar-fogo — como exceção de uma iniciativa para aproximar o Hamas e o partido político Fatah, ainda em estágios iniciais —, têm tido uma atuação considerada discreta no envio de ajuda (embora Pequim negue a delegação) e fazem declarações genéricas sobre a pausa dos combates e a solução de dois Estados. Dentro das discussões sobre o futuro de Gaza, o silêncio chinês ecoa alto.

No mês passado, quando uma retaliação iraniana contra Israel, ligada ao bombardeio contra seu consulado em Damasco, parecia iminente, o governo americano pediu a Pequim que persuadisse Teerã a evitar lançar seus mísseis. O ataque veio no dia 13 de abril, e, em comunicado, o governo chinês pediu apenas que "todos os envolvidos" mantivessem a calma.

A abordagem da China não é de confrontação: é semelhante ao jogo do Go, muito popular na Ásia, onde a estratégia é dominar lentamente o tabuleiro com movimentos calculados e não confrontacionais. É improvável que a China adote uma postura fortemente



Alianças. Líderes dos países do Conselho de Cooperação do Golfo durante o encontro com Xi Jinping (ao centro) em Riad, foco em parcerias econômicas e de infraestrutura



Copa do Catar. Estádio Lusail, palco da final da Copa do Mundo de 2022, foi erguido por uma empresa chinesa

te incisiva na guerra em Gaza — afirmou professor de Relações Internacionais Alexandre Coelho, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (Fesp). — Em vez disso, continuará promovendo o diálogo e apoiando esforços diplomáticos multilaterais, enquanto busca preservar suas relações e interesses econômicos na região.

De acordo com o Conselho de Estado da China, o comércio entre Pequim e o Oriente Médio teve um salto na última década. Em 2017, o volume negociado foi de US\$ 262,5 bilhões (R\$ 1,33 trilhão), e chegou a US\$ 507,2 bilhões (R\$ 2,58 bilhões) em 2022.

Em termos de investimentos, o Oriente Médio é um dos cenários prioritários da iniciativa Cinturão e Rota, pilar econômico da diplomacia econômica de Pequim. Entre 2015 e 2019, empresas estatais investiram US\$ 21,6 bilhões (R\$ 110,25 bilhões) na região, sendo que 58% do total em projetos de energia. Daí as relações estreitas com Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e, especialmente, Irã, país que destina 30% de suas exportações para a China.

Na Copa do Catar, em 2022, boa parte da infraestrutura contou com capital chinês e o estádio de Lusail, o maior do país, foi erguido por uma companhia chinesa. No setor da alta tecnologia, Pequim financiou 206 projetos ligados a telecomunicações, conectividade e segurança dos sistemas de informação em 2022.

— A China age de forma cautelosa devido aos seus muitos interesses econômicos e políticos, inclusive com Israel, no que se refere à indústria de alta tecnologia. Pequim aguarda os movimentos dos EUA e, além disso, não querendo ter impactos diplomáticos negativos junto aos países da região, independentemente de serem aliados ou não do Ocidente — explica Coelho.

POTÊNCIA 'BENIGNA'

Na década passada, o então presidente dos EUA Barack Obama iniciou uma das mais impactantes alterações de doutrina de política externa do país, ao mudar o centro das atenções do Oriente Médio para a Ásia e o Pacífico. Pequim viu ali a oportunidade de se apresentar como potência "benigna", que de-

fenderia a neutralidade, não tentaria impor valores (se opondo à "expansão da democracia" de Washington) e se mostraria como uma força de conciliação. Em 2016, o presidente Xi Jinping disse a líderes da Liga Árabe que, através do Cinturão e Rota, criaria uma "rede de parcerias mutuamente benéficas".

Economicamente, os números mostram que a abordagem foi exitosa. Mas os resultados são escassos em termos políticos — uma exceção foi o acordo firmado em março de 2023 entre Irã e Arábia Saudita, duas potências regionais que estiveram à beira de um conflito e que têm bilionários investimentos chineses. É, ao contrário de Washington, Pequim não demonstra interesse em um caminho militar no Oriente Médio.

— A China tende a evitar a militarização de sua presença no Oriente Médio, preferindo promover a estabilidade através de investimentos econômicos e laços diplomáticos. Embora pareça paradoxal, visto que critica publicamente os EUA como um líder falho e ineficiente, não há indicações claras de

que Pequim pretenda tomar o lugar de Washington como líder e responsável pela manutenção da segurança e/ou paz regional no Oriente Médio — disse Coelho.

Santoro, no entanto, questiona até que ponto será possível manter essa postura de neutralidade em um Oriente Médio sujeito a ebulições. Ele cita o próprio exemplo dos EUA, que dizem querer reduzir sua presença na região, mas se veem cada vez mais inseridos na sequência de crises.

— Me pergunto se a China não caminha para esse tipo de cenário também. Vimos várias situações nos últimos seis meses em que a guerra de Gaza dava sinais de que se tornaria regional, entre Irã e Israel, com os EUA — opina. — Acredito que a posição chinesa seria muito similar com a da guerra na Ucrânia, em que a China não envia ajuda militar para a Rússia, mas ajuda Moscou de todas as outras formas.

INTERESSES EM JOGO

Um movimento que, para Coelho, poderia ser motivado também pelas próprias necessidades estratégicas chinesas.

— A China pode intensificar seu apoio diplomático ao Irã para assegurar a continuidade de suas importações de petróleo. Embora Teerã seja altamente dependente das importações de petróleo e gás por parte de Pequim, o que poderia fundamentar uma pressão da diplomacia chinesa, entendendo o governo não deve agir nesse sentido — afirma o especialista. — Os ataques iranianos a Israel mostraram que os EUA têm fortes laços com a Arábia Saudita, entre outros países, de forma que, para a China, tornar a dependência econômica iraniana uma arma de pressão contra os interesses de Teerã pode ser perigoso e desastroso para as relações que mantém com o país.